

O ANTROPOCENO: UM FUTURO SEM O HUMANO?

ANTÔNIO CARLOS MOUSQUER 

Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: acmousquer@yahoo.com.br

Compreendido como um alerta sobre os efeitos da ação humana na natureza, o Antropoceno nos oferece a possibilidade de um futuro sem o humano. Este, posto de forma soberana sobre todo o planeta, vê sua trajetória futura ameaçada justamente por condições decorrentes de um projeto social realizado de forma predatória, cujas implicações colocam a terra sob a iminência de um colapso ambiental e civilizacional e a vida sob o risco da descontinuidade. Aos discursos otimistas sobre os grandes feitos, sobrepõem-se os da sobrevivência sobre o espaço inóspito. Em razão dessa amplitude, o Antropoceno deixa de ser tema de interesse apenas das ciências naturais, geologia e ecologia, para alcançar um amplo debate nas mais diversas áreas do conhecimento, como na antropologia, na filosofia, na arquitetura, nas artes e na crítica literária, como evidenciam os diversos artigos que compõem o livro organizado pelas professoras Sonia Torres e Marina Pereira Penteado, *Literatura e arte no Antropoceno: conceitos e representações*.

A iniciativa do livro parte do olhar sobre uma circunscrição histórica definida pela geologia, qual seja, o momento presente, uma nova era geológica marcada por complexas transformações decorrentes da aceleração do desenvolvimento industrial e do elevado consumo de agroquímicos e de combustíveis fósseis. A partir daí, a coletânea busca, para além dos discursos científico, não apenas examinar o aparecimento do Antropoceno, suas causas, seus efeitos e suas representações, mas também apontar alternativas diante de um amplo impasse. A experiência do Antropoceno é complexa e atinge a todos, razão pela qual o conjunto de artigos exhibe temática plural, consagrando abordagens bastante distintas daquelas efetivadas pelos especialistas tecnocientíficos. Esta é a mais relevante intenção da proposta: a alteridade do discurso hegemônico da ciência como “abertura para novos modos de engajamento” (PENTEADO; TORRES, 2021, p. 14).

* *Resenha de:* PENTEADO, M.P.; TORRES, S. (org.). *Literatura e arte no Antropoceno: conceitos e representações*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021. 231p.

EDITOR-CHEFE:

Rachel Esteves Lima

EDITOR EXECUTIVO:

Regina Zilberman

SUBMETIDO: 05.04.2022

ACEITO: 06.04.2022

COMO CITAR:

MOUSQUER, Antônio Carlos. O antropoceno: um futuro sem o humano?. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 24, n. 46, p. 274-277, jan./abr., 2022. doi: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20222446acm>

A seleção reúne artigos acadêmicos de pesquisadores do Brasil e do exterior, lotados em universidades públicas e privadas e em centros de pesquisa. Apresenta igualmente um artigo inédito em língua portuguesa da escritora, poeta e dramaturga canadense Lee Maracle. Além das duas organizadoras, quatorze colaboradores reconhecidos no meio universitário buscam responder a sinais ainda não alcançados por todos, uma tarefa bastante complexa à qual se entregam com empenho. Amparados em um sólido arsenal teórico inauguram não apenas novos entendimentos sobre o fenômeno, como indicam alternativas, em um escopo amplo que contempla poder político, biotecnologia, ficção, imagens da natureza, ancestralidade, animalidade, dentre outros.

A revisão conceitual do Antropoceno e da sua história é realizada por Manuel Bogalheiro, em um levantamento que agrega o conjunto de transformações ocorridas nas propriedades físicas do planeta em razão da interferência humana. Revela assim o quanto a história humana e a história natural estão imbrincadas em um processo que, iniciado a partir do aparecimento da agricultura, foi favorecido pela modernização industrial e acentuado ao longo do tempo. Ao final, aponta, sem deixar de problematizar, as novas ações propostas pelas ciências tecnológicas que visam a reparar os danos e viabilizar a vida na terra.

Sonia Torres explora a criação ficcional em seu artigo, ponderando o quanto o cultural e o natural estão entrelaçados na medida em que a literatura e o cinema de distopia antecipam o futuro sob a força do passado em enredos especulativos e catastróficos. Assinala também a necessidade e a importância de novas e amplas ferramentas para compreender o fenômeno do Antropoceno, destacando as recém emergentes. Torres sustenta, através de uma fecunda discussão amparada nas últimas descobertas, que o Antropoceno interfere nos objetos e nos estados da memória. No âmbito da representação, assinala o amalgamento das narrativas culturais à história da terra, pois, em suas palavras, “o Antropoceno é, ao mesmo tempo, traço, inscrição, registro, cicatriz, arquivo” (PENTEADO; TORRES, 2021, p. 39).

A relação entre a fotografia e o Antropoceno é o centro de interesse de Ana Maria Mauad e Marcos de Brum Lopes. Em uma discussão sobre o aparecimento do registro fotográfico combinado com alterações econômicas e sociais profundas, ressaltam sua importância enquanto testemunha ocular e representação. Tomando a fotografia como um domínio atuante no campo político, chegam ao trabalho desenvolvido por três fotógrafos junto aos povos indígenas brasileiros. Mostram, por fim, o quanto essa convivência atua em defesa do planeta ao constituir-se no lugar por excelência para a transmissão de conhecimentos e para a repercussão da alteridade.

Mariana Simoni explica como a arte em geral e a literatura em particular reagem de forma especulativa à insuficiência dos instrumentos comunicativos em responder à crise do Antropoceno. Trata-se de uma mudança de estilo que integra à grandiosidade, ao assombro e ao prazer desinteressado, uma espécie de inquietude gerada pelo reconhecimento de nosso papel diante do Antropoceno e dos seus efeitos agregados, de acordo com uma série de narrativas contemporâneas.

O aparecimento de obras com consciência ecológica é o tema de Lucas Murari. Tratando primeiro de questões ligadas à terminologia do Antropoceno, salienta a importância da presença de temas ambientais nas manifestações artísticas. Posteriormente, dá evidência às produções cinematográficas, detendo-se em *Recife frio* (2009), de Kleber Mendonça Filho, filme especulativo sobre uma suposta alteração climática na capital pernambucana que passa do clima tropical ao frio intenso.

Marina Pereira Penteado assinala em seu artigo que a presença na literatura de catástrofes ligadas às mudanças ambientais populariza-se a partir da década de 1970. Refere que, nesse momento, as manifestações literárias assumem uma feição mais participante, ao reconhecerem a responsabilidade humana no aparecimento das intempéries. Um conjunto de obras com consciência ecológica, como as de Ian McEwan, Barbara Kingsolver e Nathaniel Rich indiciam, segundo alguns críticos, o aparecimento de um novo gênero. Penteado destoa desse entendimento, compreendendo-os como mais uma temática presente em gêneros variados, ainda sem uma terminologia, segundo leitores especializados.

As problematizações efetivadas pelo feminismo sobre a etimologia — o universalismo masculino — e a epistemologia do Antropoceno estão presentes no artigo de Cláudia de Lima Costa. O interesse de Costa é aclarar como a autoridade masculina do discurso ignorou a genealogia do feminismo e da teoria *queer* nos debates sobre o Antropoceno. Procura também demonstrar como o intelectualismo branco da academia euro-ocidental e seu delineamento hegemônico excluiu do debate reflexões, conhecimentos e práticas produzidos em contextos históricos específicos.

Ildney Cavalcanti, por seu turno, propõe uma crítica ao aparato pesado e sombrio do Antropoceno, tomando como seu contraponto uma formulação teórica de Donna Haraway. Trata-se do Chthuluceno, um projeto político feminista e multiespécies que visa à atuação afetiva positiva e cuja correspondência encontra-se na trilogia *MaddAddam* (2013), de Margaret Atwood. Conclui atestando a necessidade de reorientação diante do impasse por meio do experimentalismo e dos desdobramentos da imaginação.

Eduardo Marks de Marques entrega uma ampla e minuciosa discussão sobre as escolas de pensamento e os movimentos, como o pós-humanismo e o transumaníssimo, com seus históricos, desenvolvimentos, nomes e obras representativas e suas repercussões na sociedade e na cultura. Mostra ainda os compartilhamentos e as distinções entre os respectivos discursos visando a delimitá-las. Após, toma as duas versões do filme *Blade Runner* para demonstrar a presença desses conteúdos na cultura popular.

Apocalipses provocadas por vírus e sua presença nas manifestações literárias clássicas e contemporâneas constituem o ponto central do artigo de Lucia de La Rocque e Denise Figueira-Oliveira. A partir de considerações bastante amplas e informações sobre agentes infecciosos e contágio recolhidas de diferentes especialidades, passam a discutir sua presença e o modo de representação em obras ficcionais de momentos distintos, como *The last man* (1826/2010), de Mary Shelley, e a trilogia *Oryx and Crake* (2003), *The Year of the Flood* (2009) e *Maddadam* (2013), de Margaret Atwood.

Já o texto de Eloína Prati dos Santos traz uma visão panorâmica da efetividade do elemento indígena na cultura brasileira até os dias atuais. O artigo também destaca a sua importância como agente de resistência diante da crise ambiental do Antropoceno, haja vista os seus vínculos com a natureza e com a ancestralidade, bem como a sua constante luta em busca de autoafirmação e reconhecimento. Além disso, a autora refere-se a uma série de escritores expoentes da literatura indígena brasileira na contemporaneidade e suas temáticas: pertencimento, emancipação e mundos possíveis.

Compete a Rubelise da Cunha a tradução de um ensaio da escritora indígena canadense recém falecida, Lee Maracle, Trata-se de “O salmão é o cerne da memória Salish”, um tocante relato que toma como ponto de partida o desaparecimento voluntário de um cardume de salmões, associado à morte dos afegãos após a invasão do país pelas forças norte-americanas para questionar e denunciar a seletividade da história. Com seu posicionamento contra os pensamentos e as práticas hegemônicas,

contra o extrativismo, na defesa de uma história mais compreensiva e de uma conexão mais ampla com a natureza, Maracle propõe um novo humanismo.

O artigo de encerramento, de Fernando Silva e Silva, traça o contraste entre as formulações teóricas mais conhecidas sobre a crise ambiental e as desenvolvidas pela filósofa da ciência Isabelle Stengers. Distanciada deliberadamente do termo Antropoceno em favor de ‘A intrusão de gaia’, um pensamento polêmico no meio acadêmico, Stengers propõe um novo caminho, o da cosmopolítica, a inserção da ciência no debate político. Por fim, para ilustrar as proposições apresentadas, o autor desenvolve uma discussão sobre a trilogia *Comando Sul*, do escritor estadunidense Jeff VanderMeer, composta pelos romances *Aniquilação* (2014), *Autoridade* (2015) e *Aceitação* (2016).

REFERÊNCIAS

- ATWOOD, Margaret. *Oryx and Crake*. 1 ed. New York: Anchor Books, 2003. 376 p.
- ATWOOD, Margaret. *The Year of the Flood*. 1 ed. New York: Anchor Books, 2009. 592 p.
- ATWOOD, Margaret. *MaddAddam*. New York: Doubleday, 2013. 394 p.
- PENTEADO, Marina Pereira; TORRES, Sonia (org.). *Literatura e arte no Antropoceno: conceitos e representações*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021. 231 p.
- RECIFE FRIO. Direção: Kleber Mendonça Filho. Produção: Juliano Dorneles e Émilie Lesclaux. Brasil: CinemaScópio, 2009. 1 DVD (24 min).
- SHELLEY, Mary. *The last man*. New York: Dover Publications, 2010. 352 p.
- VANDERMEER, Jeff. *Aniquilação*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 200 p.
- VANDERMEER, Jeff. *Autoridade*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015. 384 p.
- VANDERMEER, Jeff. *Aceitação*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016. 368 p.